

# A ciranda dos cuidados

---

As conexões femininas e a importância do trabalho invisível



Anna Beatriz Barreto da Matta



# A ciranda dos cuidados



# A ciranda dos cuidados

Anna Beatriz Barreto da Matta



*“E eu choro de alegria*

*Rezando aos pés de Nossa Senhora*

*Aparecida*

*Minha mãe me deu a vida*

*E sempre me dará a vida”*

— Gal Costa e Maria Bethânia (canção: Minha  
mãe)



Para Patricia, Rosa, Terezinha, Ana Paula e Kellyn.

Se algo sou, é porque aprendi com vocês.

Para as minhas primas, amigas e professoras.

É um privilégio tê-las em minha vida.



# Sumário

<i>A ciranda, uma apresentação</i> .....	12
Parte 1          Conexões.....	18
Parte 2          Trabalhos Invisíveis.....	29
Parte 3          A Economia do Cuidado.....	39
Parte 4          Coração de Ouro .....	54
Agradecimentos .....	61
Referências bibliográficas.....	65



## ***A ciranda, uma apresentação***

Escrever este prefácio após encarar metade da graduação de forma remota, vivendo em isolamento social e distante de quase todas as pessoas importantes da minha vida é algo um tanto quanto surreal de se pensar. Foram inúmeras as vezes em que a esperança ficava por um fio de se esgotar. Em certa altura, era difícil manter a ansiedade do aguardo: o aguardo de estar na faculdade presencialmente, de conviver com professores e colegas de sala, de poder abraçar quem se ama e de estar na presença do outro. Particularmente, o que me fazia ter uma pequena sensação de fé era a expectativa de estar em comunidade novamente.

Estar em comunhão com a sociedade vai muito além do que os olhos podem enxergar, compreendo que é uma eterna e longínqua construção de si mesmo feito com pequenas partes de outras pessoas. Não se trata apenas de uma interação social, sem sentido e/ou significado. Seja por um pequeno ou longo período, as pessoas que passam pelas nossas vidas deixam algumas marcas.

Para a autora bell hooks<sup>1</sup>, em seu livro Tudo sobre o amor (2021), “comunidades alimentam a vida – não as famílias nucleares nem o “casal”, e tampouco a dureza individualista”. Em sua visão, não há lugar melhor para aprender a arte do amor. Assim, ela nos convoca a entender sobre a dimensão da importância de estar em uma comunhão.

Não é nem preciso fechar os olhos para passar na memória as risadas mais marcantes de quem amamos. Ou lembrar da sensação de estar dentro de um abraço confortante. A feição nos pequenos detalhes dos rostos de nossos familiares e amigos. Aquele cheiro específico que traz a lembrança e te transporta para uma situação que só quem sente sabe descrever. Estar em sociedade é sentir cada partícula do que é a vida, no mais fiel sentido da palavra, diariamente.

Mas, estar em comunidade vai muito além do que todos esses significados. É poder crescer e aproveitar o processo, em conjunto. Há um provérbio africano que diz que “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”. Ou seja, as pessoas não aprendem e se desenvolvem apenas a partir de seus núcleos familiares, mas sim através de toda uma sociedade, independentemente de quais formatações essas ‘aldeias’ sejam.

---

<sup>1</sup> Mantido o nome original da autora.

O suporte durante a criação e desenvolvimento de uma criança é de extrema importância e necessidade, seja para a mãe ou para o pequeno ser em formação. Deve ser um relacionamento complementar, entre uma nova vida, e uma vida que renasceu após a chegada de um indivíduo.

Nos melhores casos, todos se auxiliariam entre si. Contudo, infelizmente não é o que acontece na esmagadora maioria das vezes. A mulher se encarrega de quase todas as demandas, enquanto o homem fica com preocupações menores. Para uma mãe, há diversos trabalhos invisíveis logo assim que um filho surge em sua jornada. E é exatamente nesse ponto que o apoio feminino se faz ainda mais necessário.

A palavra “sororidade”, ainda que ausente em alguns dicionários brasileiros, se faz extremamente presente na vida das mulheres como um todo. O seu significado, o de irmandade feminina, faz ainda mais sentido quando paramos para pensar na maternidade. Na visão de bell hooks, a sororidade vai muito além do que apoiar-se; trata-se de desenvolver uma comunidade unida por uma missão. O apoio pode ser, de certa forma, eventual, mas a solidariedade umas com as outras é um compromisso. Estando diante de uma sociedade que persiste em fragmentar relações femininas, fica cada vez mais evidente – e necessário – que o movimento feminino deve ser plural.

Tornar-se mãe não é uma tarefa fácil, e infelizmente não vem com um manual de instruções. No entanto, inclui diversas emoções no puerpério, noites incansáveis acordadas, trabalhos não remunerados, como por exemplo a amamentação, ou aquele colo que a criança pede quando está cansada, doente, ou apenas irritada. A jornada também vem acompanhada de cuidados com a casa, com os relacionamentos, com o social, cuidados com si própria, e, o trabalho remunerado.

Na realidade, são múltiplas as jornadas que uma mãe enfrenta. Sejam relacionadas à criança ou à sua vida pessoal.

Não foi por um acaso que escolhi o nome de “A ciranda dos cuidados”. Essa expressão cultural, em que um puxa o outro, para todos estarem conectados e assim, formarem um ciclo. Na minha visão, é o que acontece com as mulheres. É como funciona o poder da comunhão. Um ato singelo, que se torna em uma ciranda dançada por muitos.

Já o cuidado vem do trabalho que constantemente – e de certa forma, conseqüentemente – que as mulheres vêm performando ao longo de muitos séculos. Cozinhar, lavar, varrer, passar, pega a criança na escola, ajuda o marido, tem sua própria vida profissional. Ufa! Parece muita coisa, e é.

De modo infeliz, as mulheres ainda são as mais sobrecarregadas com os trabalhos de cuidado, que de muitos modos, são invisíveis à olho nu para a sociedade.



*Parte 1*

# **Conexões**

Elas nascem dos ventres de outras que as antecedem. As raízes são criadas entre si antes mesmo de conhecerem a vida. Tal qual uma árvore, é dentro do útero que as mulheres criam laços com seus filhos.

“Existem muitos outros temas em mitos e lendas, nos quais a jovem não percebe a gravidade do perigo que sua alma corre. Mas a mulher mais velha percebe. Portanto que bom para nós que a fonte de sabedoria surja de modo bastante confiável, e não somente nos mitos”, aborda a autora, Clarissa Pinkola Estés, em seu livro *A ciranda das mulheres sábias* (2007).

Há um certo conforto em saber que temos alguém para nos apoiar e ter suporte enquanto a vida floresce. É no coletivo que se faz o poder. A união entre as mulheres e as redes de apoio são fundamentais, não somente para as lutas e conquistas feministas, mas como também para o dia a dia.

Em um estudo publicado pela Universidade de Los Angeles, Califórnia, é indicado que a amizade entre as mulheres é algo verdadeiramente especial. Foi descoberto que essas relações contribuem para o fortalecimento da identidade, e para a projeção de nossos futuros. Simboliza a calma, perante o mundo real, que traz diversos desafios.

As investigações da pesquisa levaram em torno de 50 anos, e relatou-se que existem certas substâncias químicas produzidas pelo cérebro que ajudam a criar e manter esses laços no universo feminino. “Os pesquisadores, homens em sua maioria, surpreenderam-se com os resultados destes estudos”, afirma Thiago Dearo, autor do artigo *Amigas fazem bem à saúde!* (2021).

Logo que o hormônio da ocitocina é liberado, sendo parte da reação das mulheres frente ao estresse, elas sentem uma vontade imprescindível de protegerem seus filhos e de agruparem-se umas com as outras. Resultado dessa união, é produzido uma quantidade ainda maior do hormônio, reduzindo o estresse mais agudo, e provocando um efeito calmante.

O estudo mostra que essas reações já não tem o mesmo efeito nos homens, já que a testosterona, hormônio produzido nas pessoas de sexo masculino em altas quantidades, têm a tendência de neutralizar efeitos da ocitocina.

Depois de repetidos estudos da Universidade, comprovou-se a importância dos laços emocionais femininos na vida de uma mulher. Entre os fatores positivos estão a redução de riscos de doenças ligadas à pressão e ao colesterol. O estudo até mostra que mulheres que não estabelecem essas profundas conexões com outras mulheres não apresentam os mesmos resultados de saúde.

“Grupos e redes femininas resgatam a lógica de transmissão de saber matricêntrica, anterior ao patriarcado, essa instituição que desprezou e nos retirou da autoridade de mulheres sobre conhecimentos ligados a ciência, medicina, o parto, educação e a criação dos filhos, por exemplo”, escreve a jornalista Camila Pati, em seu texto Especial Dia da Mulher: por que nossas conexões são tão importantes? (2021), para a revista *Claudia*.

Para além do empoderamento, esses laços trazem uma sensação de acolhimento e certo reconhecimento, como afirma a psicanalista Manoela Xavier para a matéria da revista *Claudia*: “faz com que a gente não se sinta sozinha e que consigamos dar suporte e apoio umas às outras, assim nos sentimos capazes e entendemos que não somos inimigas entre nós, o que permite um mapeamento poderoso do sistema”.

Desde muito jovens, as mulheres são colocadas umas como inimigas das outras. ‘O corpo dela é mais bonito que o seu’, ‘você tem um lindo nariz, mas a boca dela é uma coisa de outro mundo’, ‘é linda, mas nunca vai superar a beleza da mãe’, ‘a sua irmã é muito mais linda’, entre outros infinitos comentários que são obrigadas a ouvir.

Essas ponderações acabam afetando não apenas a autoestima da mulher, como também cria um senso de competição dentro dela com a outra. E é exatamente neste ponto

que mora um perigo. Quando unidas, nos tornamos melhores. É como se a sociedade quisesse nos esconder o segredo de boas amizades e conexões.

No episódio #181/o que minhas amigas me ensinaram sobre o amor, com Manuela Xavier, do programa *Bom dia, Obvious*, a apresentadora, Marcela Ceribelli, comenta sobre a rivalidade feminina ser um dos ‘contos’ mais antigos que conhecemos enquanto sociedade, sendo retratada em livros, filmes e televisão.

Evidentemente, nem todas as mulheres vão se dar bem de maneira plena. Um dos maiores erros sobre o entendimento da palavra sororidade gira em torno das crenças de que para se entenderem, as mulheres precisariam ser melhores amigas. Na verdade, o sentido do conceito nem beira isto.

A rivalidade feminina não é parte de um “instinto”, é uma contínua construção social que é perpetuada por um sistema patriarcal. Por essa razão que a teórica feminista, bell hooks, defende que a sororidade vai muito além do apoio, é o desenvolver de uma comunidade unida por uma missão. É na constância que se muda algo, e a solidariedade umas com as outras é um eterno compromisso.

Essa profunda conexão entre as mulheres nos pertence há milênios, mas é algo que foi retirado de nossas mãos, e lentamente

estamos recuperando. No livro *The different drum: community making and peace* (1998), o psicoterapeuta americano começa com a declaração: “Nas comunidades e através delas reside a salvação do mundo”. Peck entende que essa comunhão uns com os outros, de forma profunda, é uma das maneiras que os indivíduos encontraram de desenvolver um compromisso significativo de “deleitar-se uns nos outros, transformar em suas as condições dos outros”.

Em qualquer momento da vida, ter uma rede de suporte faz toda a diferença para enfrentar obstáculos, tanto de forma pessoal, quanto profissional. A líder de Comunicação Corporativa para Ásia no LinkedIn, Erica Firmo, descreve em seu artigo *Conexões femininas e empatia podem mudar a sua rotina de trabalho* (2019) que esse apoio pode ser traduzido “em uma simples palavra: empatia”.

Em entrevista com a psicóloga, Fátima Cruz, ela reforça a importância da conexão feminina durante a maternidade. “Falando como mãe, eu ouvia muito minha sogra, minha mãe, minhas tias, trocava com outras mães nas idas ao pediatra, e via o que daquilo servia para a minha situação. Então uma das maneiras de uma mulher ajudar a outra na maternidade, e ao longo dela, é essa troca”, afirma.

No livro *A ciranda das mulheres sábias* (2007), Clarissa Pinkola Estés utiliza a metáfora de que “toda árvore possui por baixo da terra uma versão primavera de si mesma. Por baixo da terra, a árvore venerável abriga “uma árvore oculta”, feita de raízes vitais constantemente nutridas por águas invisíveis”. Aqui, gostaria de relacionar a comparação com as conexões femininas.

Essas relações são complementares, e servem - de determinada forma – como uma fonte inextinguível de conhecimento e suporte. “A troca de experiências ao longo da vida [é essencial]. A gente pode absorver se entender que cabe para nós. Pois mesmo nas trocas, tem que entender o que é bom para mim, pode não ser bom para outra mãe. Mas partindo daí, até para escolher o que não quer, a troca é positiva”, afirma Fátima Cruz.

A chegada de um bebê pode implicar em muitas mudanças na vida de uma mãe. Noites mal dormidas, ausência de uma vida social mais ‘agitada’, o cansaço de ser fonte para um novo ser – tanto emocional quanto físico. Por isso, a psicóloga reforça a importância de uma rede de apoio: “entendo que se você pode, se possível, ir à casa dessa mãe, trocar as fraldas do bebê, dar mamadeira. Ao longo da vida, vocês podem fazer uma troca de uma leva os filhos na escola, a outra busca”, afirma Cruz. Ela

também diz que essas trocas são importantes para a mãe entender o que funciona ou não para ela dentro da maternidade.

Seja em conversas entre amigas ou em relatos nas redes sociais, cada vez mais é possível observar o quanto as mulheres tentam encontrar um equilíbrio entre sua vida como indivíduo, e sua vida como mãe. Balancear os dois, com toda a certeza, não deve ser uma tarefa fácil. Infelizmente, ainda são muitas as que se sentem sozinhas, sem ter com quem contar.

“A ideia de que é necessário uma aldeia para criar humanos é permanente; acompanha a aventura parental durante toda a sua existência, ou pelo menos até que as “criaturinhas” se emancipem. E essa “aldeia” tem as mais diversas formatações”, afirma a empreendedora, Maytê Ximenes, em um texto postado no LinkedIn.

Construir uma rede de apoio torna-se necessário desde o momento que nasce uma mãe. Poder ter ali um espaço acolhedor e reconfortante. É um estímulo e gera uma identificação difícil de colocar em palavras. As pessoas se entendem em suas particularidades mais agudas. Sentir-se sozinha pode afetar diretamente o rendimento, a autoestima e entre outros.

Em seu livro *Aurora: o despertar da mulher exausta* (2022), a autora Marcela Ceribelli aborda sobre a necessidade de

se ter aliadas mulheres e cita que a desunião feminina é um fator que enfraquece nossas relações.

“Narrar a história das palavras que são frequentemente usadas para definir e degradar as mulheres é um passo necessário para compreender como a opressão de gênero funciona e se reproduz”, diz a professora e ativista Silvia Federici, em seu livro *Mulheres e caça às bruxas* (2019).

Para entender as raízes dessa opressão, é necessário ir um pouco mais a fundo na história. Federici conta no livro também que, no século XVI, era proibido que as mulheres se reunissem para balbuciar e conversar, determinando que os maridos tomassem conta de suas respectivas esposas. É neste ponto que as conexões femininas se tornam um dos alvos das caças às bruxas, convertendo algo que era uma forma de afeto e ligação, em algo condenável. Elas, inclusive, eram incentivadas a denunciar suas colegas, irmãs, mães etc.

O silêncio entre as mulheres tornou-se algo tão significativo e interessante para o patriarcado, que atualmente ainda perdura a ideia de que mulheres falantes são sinônimo de deselegância, como afirma a autora de *Aurora: o despertar da mulher exausta* (2022).

São infinitos os comentários que degradam as relações femininas ou a aparência/personalidade da mulher. No entanto,

não levam em conta todo o esforço que diariamente elas colocam em seus lares, em suas relações, em seus filhos, em si próprias, em seus trabalhos etc.

As mulheres não colocam tanto empenho nas atividades dessa maneira só porque “é o que elas fazem”. Realizar uma afirmação desse tipo é uma negação à humanidade daquela mulher, como afirma bell hooks em seu livro Tudo sobre o amor (2021). Ela diz que é uma “falha em ver a generosidade inerente aos seus atos”.

Dispor-se para sacrifícios é uma proporção necessária da prática do amor e da vida quando em comunidade. É fundamental que, para crescermos e evoluirmos, renunciemos a algumas coisas e situações que já foram imprescindíveis em algum momento.



*Parte 2*

# **Trabalhos Invisíveis**



*Foto: Florencia Salto.*

**ISSO QUE CHAMAM DE AMOR, É  
TRABALHO NÃO PAGO**

As conexões femininas são, claramente, de suma importância na vida da mulher. No entanto, não deveria ser um motivo pelas quais elas ainda ficam mais sobrecarregadas dentro de suas comunidades. Há quem diga que seja talento, ou até mesmo dom. Discordo que tenha qualquer ligação com habilidades e/ou vocação. Uma das muitas explicações pode ser dada pelo machismo enraizado na sociedade.

O estudo “CoronaChoque e Patriarcado”, realizado em 2020 pelo Instituto Tricontinental de Pesquisa Social mostra que 75% do trabalho de cuidado não remunerado no mundo é feito por mulheres. Isso porque, na grande maioria das vezes, o trabalho doméstico e de cuidados recai sobre mulheres e meninas. Essa atividade é conhecida também como “trabalho invisível”, dado ao fato de não ser remunerado e muito menos valorizado.

O cuidado é uma tarefa que demanda esforço, tempo e energia. O dossiê da pesquisa reforça que “[o cuidado é um] trabalho que garante que nossas necessidades materiais e psicológicas básicas sejam atendidas, assegurando nosso desenvolvimento humano”. Essa atividade não está ligada apenas à maternidade, e engloba diversas outras pessoas como idosos, pessoas enfermas, pessoas com deficiências físicas e mentais, e até mesmo o cuidado com si próprio.

A jornada dupla ou tripla pode afetar intensamente a vida da mulher, além da saúde física, de poder ficar mais vulnerável, com a imunidade baixa, o emocional também acaba sendo impactado. “É um cansaço mental, responsabilidades de todos os lados, então se ela não conseguir um equilíbrio entre todas essas jornadas, hora ou outra vai impactar na vida dela, com certeza”, ressalta a psicóloga Fátima Cruz, sobre a importância da rede de apoio e das trocas.

Tarefas domésticas também não se isentam entre os trabalhos não remunerados. Chegar em casa após um dia intenso – e extenso – de trabalho, cuidados com os filhos, marido, pais, entre outros, e ainda ter que ter tempo para cuidar de si. É exaustivo só de pensar.

Você acorda, vai direto para o trabalho, usa o cérebro de maneiras incontáveis, lida com pequenos problemas pessoais que aparecem no dia, busca o filho na escola, pega trânsito, e ainda assim precisa ter tempo de cozinhar, de limpar a casa, de lavar as roupas, de tomar banho e fazer coisas que te dão prazer. A esse ponto o único prazer que imagino que essa pessoa sinta ao final do dia são os olhos fecharem para assim, enfim, dormir.

Além de, claramente, as tarefas domésticas beneficiarem a própria pessoa, são essas atividades consideradas de cuidado

que são essenciais para viabilizar o trabalho “fora de casa”, e que mobilizam a economia.

“O cuidado deveria ser uma responsabilidade da sociedade, porque diz respeito à como nós vivemos e a nossa forma de viver na sociedade, então é relacionado com a ideia de comunidade, mas olhando por experiências, na literatura e nas pesquisas, há diversas formas de confirmar que essa tarefa acabou ficando sob a responsabilidade das mulheres” diz a economista e professora da PUC-SP, Camila Kimie Ugino.

Ugino também afirma que para uma equidade na divisão de tarefas entre os gêneros é necessário que haja uma transformação da própria sociedade em sua maneira de pensar e agir. De justamente retomar o que significa a vida em comunidade, as atividades de cuidado, dos afazeres domésticos.

Infelizmente, o trabalho de cuidado, ainda que fundamental para reproduzir a força de trabalho de uma sociedade capitalista, na realidade é pouco reconhecido - e quando é ‘valorizado’, a remuneração é muito baixa.

De acordo com o relatório da Oxfam, “Tempo de cuidar”, o “trabalho doméstico é essencialmente feminino”. São cerca de 67 milhões de pessoas ao redor do mundo que trabalham com cuidados, e 80% delas são mulheres e meninas.

# O TRABALHO DOMÉSTICO É ESSENCIALMENTE FEMININO

Dos cerca de 67 milhões de trabalhadores domésticos no mundo, **80%** são mulheres.



No Brasil, das mulheres que trabalham, **14,5%** estão no trabalho doméstico contra apenas **1%** dos homens.



*Reprodução: Oxfam Brasil.*

Torna-se inviável apenas uma parcela da sociedade reivindicar direitos e medidas para esses trabalhos essenciais que possibilitam a reprodução social, visto que meninas e mulheres, em um cenário mundial, dedicam 12,5 bilhões de horas ao

trabalho de cuidado não remunerado, como é apontado no estudo da Oxfam.

O relatório também mostra que essa ‘contribuição’ gira em torno de pelo menos US\$10,8 trilhões por ano à economia global, um número que é três vezes maior que o valor da indústria de tecnologia mundial.

É um tanto quanto injusto quando paramos para pensar que uma atividade tão essencial para a manutenção da vida, é ainda tão desvalorizado. “[O cuidado] ainda não aparece como trabalho. Quantas vezes não escutamos que as mulheres começaram a trabalhar no cenário pós Segunda Guerra Mundial, como se elas não trabalhassem antes. É um equívoco, visto que elas trabalhavam, e continuam trabalhando. É um trabalho que não é visto como tal”, diz Ugino.

Seria cômico, se não fosse uma desigualdade – e até arrisco um desrespeito – a disparidade entre gêneros quando o assunto é este. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua de 2018, 37% das mulheres declararam ter exercido cuidados no Brasil, enquanto 26% dos homens declararam o mesmo.

“[A não remuneração do trabalho de cuidado] é característica do sistema capitalista. Porque no capitalismo só tem preço aquilo que é oferecido pelo mercado, ou seja, quando você

enxerga a possibilidade da troca dentro do mercado. Quando não é uma atividade ou um produto que possa ser trocado, ele não tem preço, portanto é como se ele não existisse”, diz a professora Camila Kimie Uginó.

Assumir os salários pelos trabalhos de cuidado é, para além de uma luta e revolução, uma perspectiva política necessária. É vital o reconhecimento do valor e da importância que essas atividades têm na sociedade, e uma maneira de realizar isso é “mostrar o volume de riqueza, na forma de bens e serviços, gerados por esse trabalho invisível, através de sua mensuração/valoração”, aponta o estudo realizado pela Unicamp, *Mensurar o trabalho não pago no Brasil: uma proposta metodológica* (2021), das professoras Hildete Pereira de Melo e Lucilene Morandi.

Quando observamos o cenário do mercado de trabalho brasileiro, a maior parte de trabalhadoras domésticas são mulheres negras. Apesar de ter uma lei que organiza as atividades do trabalho doméstico (Lei Complementar nº 150/2015), ainda não existem grandes controles sobre a jornada de trabalho. Existe um grau de exploração e precarização elevados, então ainda é uma atividade econômica que precisa de mais medidas para que tenham melhores condições.

“A própria lei exige que tenha uma regulamentação sobre essa atividade, e conseqüentemente, uma fiscalização do trabalho, mas é uma questão que exige muito mais” e complementa Ugino “quando olhamos para a questão da remuneração das mulheres em relação aos homens, a diferença é em torno de 20% e 25%, e quando observamos a discrepância das mulheres negras em relação aos homens brancos, esse valor multiplica. Temos um problema maior na sociedade, isso se chama racismo.”

A professora e economista entende que uma das maneiras de parer o cuidado entre diferentes raças e para mulheres não brancas é um conjunto de iniciativas. “Deveríamos dar atenção à questão do racismo estrutural, ao racismo que acomete as condições do mercado de trabalho, e [como resolvemos uma parte disso] eu como educadora e economista, precisamos garantir mais acessos”, pontua Ugino.

Chegou em um ponto da história que as mulheres não querem mais o pedestal de guerreiras. Nos anos 50, muito debatia-se sobre a entrada da mulher no mercado de trabalho, mas os tempos mudaram, e as lutas e indagações acompanharam essa modificação. Agora, é necessário que existam conversas sobre o compartilhamento de demandas, para ‘salvar’ a mulher da exaustão.



*Parte 3*

# **A Economia do Cuidado**

# Afazeres domésticos



## Ocupação doméstica

■ Homens ■ Mulheres

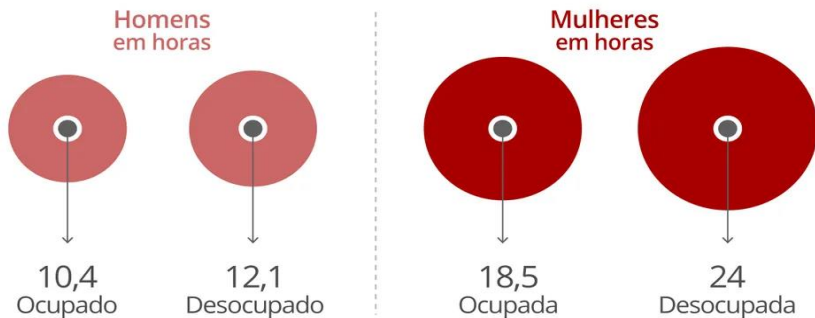


Esta é a única categoria em que os homens estão na frente das mulheres



## Média de horas semanais

Tempo dedicado a afazeres domésticos ou cuidado de pessoas



Fonte: IBGE



Infográfico elaborado em: 02/06/2020

Atualmente, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínuos (PNADC), 45 milhões de mulheres brasileiras realizam atividades de cuidado com moradores de seu domicílio ou parentes.

Uma pesquisa feita por Fábio Hanaoka, da Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP), aponta que os estudos sobre a presença de mulheres na economia começaram a ser desenvolvidos a partir da década de 1960 e se tornaram mais qualitativos na década de 1980. No entanto, em termos de organização social, é evidente que os homens nunca estiveram sozinhos enquanto sociedade. Assim, há anos o trabalho desenvolvido por mulheres que se dedicam ao cuidado de suas famílias é invisibilizado.

Para entender a precarização deste trabalho feminino é necessário voltar no tempo, quando o patriarcado se tornou a ordem social dominante. Com ele, o trabalho doméstico foi destinado para as mulheres, que passaram a ter como obrigação o cuidado da casa, dos filhos, dos maridos, das pessoas mais idosas e dos doentes.

Desde então, o trabalho doméstico não era algo reconhecido, mas sim relegado. Como colocam Iara Alves e Camile Sahb no artigo *Machismo também se combate com políticas públicas* (2020), do *Nexo*, a condição para que mulheres se sujeitem ao poder dos homens as vinculam como dignas de

poderem ter trabalhos com baixa remuneração. Esse problema atinge até hoje mulheres de todas as classes e etnias.

Por muitas mulheres terem de “balancear” as responsabilidades de um trabalho formal e o trabalho de cuidado doméstico, pode-se reconhecer que muitas mulheres precisam desempenhar jornadas duplas ou triplas de trabalho. Mas, esta segunda alternativa não deixa de fazer com que a economia circule.

Segundo um relatório produzido pela organização não governamental Oxfam Brasil e apresentado no Fórum Econômico Mundial de Davos 2020, mulheres de todo o mundo somam 12,5 bilhões de horas, todos os dias, para se dedicarem ao trabalho de cuidado, mas não recebem por isso. Por outro lado, assim como foi dito, “a função gera cerca de US\$10,8 trilhões por ano para a economia global”.

Em um vídeo institucional publicado no Dia do Trabalhador em 2023, a UN Women, a agência da Organização das Nações Unidas (ONU) para igualdade de gênero e empoderamento da mulher, falou sobre a participação de mulheres na economia do cuidado.

“A participação e a igualdade de poder das mulheres são fundamentais para o progresso de todos. Durante a pandemia, as mulheres fizeram 512 bilhões de horas adicionais de cuidados não

remunerados em casa. Gostaria de reconhecer a importância essencial do cuidado. O cuidado é fundamental para o funcionamento básico de nossas economias e sociedades”, descreve a embaixadora da agência, Anne Hathaway.

Para mudar o cenário, a UN Women propõe aos governos que apoiem os serviços domésticos; paguem os impostos que os financiam; priorizem a criação de locais de trabalho adequados para a família — o que inclui horários de trabalho flexíveis, licença parental remunerada e creches internas.

De certo, ao lado do patriarcado, também caminham o machismo e a misoginia, que são cotidianos na vida de grande parte das mulheres. Eles fazem com que homens acreditem em sua superioridade, se comparado às mulheres. Este poder pode acarretar, entre tantas consequências, na violência - sexual, doméstica, verbal. E, atualmente, apesar de grandes movimentos a favor dos direitos das mulheres, às políticas públicas atuais ainda não são suficientes para cessar a opressão. Ainda hoje, mulheres que fazem o trabalho doméstico são pouco reconhecidas, e podem sofrer violência, mas permanecem na situação.

Isso porque a sociedade já incorporou a suposição de que homens são superiores. As opressões contra as mulheres são problematizadas com o capitalismo, que também domina o fluxo

econômico do mundo. O capitalismo banaliza o feminismo, e o patriarcado justifica a opressão, ao sugerir que mulheres não têm força física e não são capazes de liderar funções. Assim, o patriarcado surge não apenas como a dominação masculina, mas como a opressão feminina.

Assim como o feminismo, os estudos e movimentos que giram em torno do “cuidado” são complexos. Isto é, atravessados por diversas questões. Nos movimentos feministas e, em particular, nas ondas mais recentes, os debates sobre a interseccionalidade têm demonstrado mais força, ainda que estejam presentes no movimento desde seu início com nomes de extrema relevância. Fato é que, hoje em dia, há uma clareza ainda maior sobre o papel dos diversos atravessamentos sociais no feminismo que estão além do sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O debate compreende a multiplicidade integrada de identidades e das desigualdades sociais. Isso não vai embora quando se discute a economia do cuidado.

Entre as cientistas que se debruçam nessa vertente, Joan Tronto é responsável por retomar essa relação entre raça, gênero e a classe que se movimenta na realidade do cuidado. É a partir dela que se tem clareza da expressão “indiferença dos privilegiados”, característica da economia do cuidado e a

inviabilização do trabalho das mulheres. Segundo Tronto, a realidade mostra dois grupos: os provedores e os beneficiários. O primeiro, está ligado às mulheres, pobres e imigrantes. Enquanto o segundo, é representado pelos detentores do poder e dos meios necessários para se esquivar do cuidado.

Seguindo este raciocínio, é possível identificar que, essa prática revela relações de poder, enraizadas nas desigualdades – de gênero e raça. É interessante enfatizar, também, que, para além da categoria “mulheres” – majoritária na economia do cuidado – há também a presença de mulheres imigrantes que, em certos países, não são consideradas nem mesmo parte do povo.

Os recortes de raízes históricas de opressão escancaram o papel multidimensional das mulheres no interior da família, principalmente quando se refere às mulheres negras, que tiveram um passado ainda mais sofrido em relação ao trabalho doméstico e escravidão. Devido às estruturas de família serem diferentes entre raças, o progresso também acaba se atrasando. É por conta disso que o feminismo negro e latino-americano se coloca em contraposição ao feminismo branco, que se reivindica como universal.

Tarefas invisíveis como: cozinhar, lavar, faxinar, passar etc., são atividades, entre várias outras, que garantem o crescimento da economia de qualquer país do mundo. Este

trabalho, que passa tão despercebido aos olhos de tantos, equivale entre 11% e 13% do PIB brasileiro, de acordo com pesquisas do Lab Think Olga e o estudo da Unicamp Mensurar o trabalho não pago no Brasil: uma proposta metodológica (2021).

Em um levantamento realizado pela ONG Think Olga no ano de 2020, ficou explícito que este cuidado, exercido principalmente por mulheres, gera mais riquezas ao país do que a indústria de transformação e agropecuária. Ou seja, sem esse trabalho realizado “por trás das cortinas”, não seria possível a economia tradicional se sustentar.

“No livro *Who Cooked Adam Smith's Dinner?: A Story About Women and Economics* Paperback (2016), a autora fala exatamente sobre quem cozinhou [ou cozinha] o jantar do Adam Smith. E então vem uma questão da economia, que é justamente não colocar as mulheres dentro dessa divisão do trabalho, ou seja, na suposição de que elas não trabalham, e que os homens quem trabalham”, explica a professora e economista, Camila Kimie Ugino.

O livro perpassa o debate exato de ‘quem cozinha o jantar’, isto é, como colocar as mulheres no debate. “Discutir o que é o cuidado, quem cumpre essa tarefa, e verificar na própria sociedade como tornar isso equitativo. É um processo longo e precisa ser coletivo”, complementa Ugino.

Como já mencionado, a pandemia foi um momento em que esse trabalho foi colocado diante dos olhos do mundo, visto que muitos tiveram a experiência de ter cuidados com alguém durante o período. Segundo a pesquisa O trabalho e a vida das mulheres na pandemia realizada por Gênero e Número e SOF Sempre Viva Organização Feminista, 50% das mulheres brasileiras passaram a se responsabilizar por algum conhecido na pandemia.

A inserção das mulheres no mercado de trabalho começou por volta do início dos anos 70 no Brasil. A economia estava em expansão, por conta da urbanização e da industrialização, o que favoreceu a chegada de novas trabalhadoras no mercado de trabalho formal. Nos anos 80, apesar da dívida da crise externa ter impossibilitado a continuação da industrialização do país, a presença feminina na atividade econômica continuou a se desenvolver.

No entanto, apesar do crescimento, as trabalhadoras se depararam com uma situação desfavorável. Por conta da situação de crise, aconteceu uma deterioração das oportunidades de emprego. Apesar da estagnação e do momento crítico, as mulheres possuíam diversas razões para buscar um emprego formal remunerado.

A participação no trabalho remunerado das mulheres-chefes e cônjuges, com mais de 25 anos, escolarizadas e não-pobres foi a que mais cresceu (BRUSCHINI, LOMBARDI, 1996). Esse grupo era impulsionado pelo trabalho para buscar manter um nível de renda familiar e, desta forma, sustentar um padrão de consumo prévio. Na contramão, as mulheres pobres precisavam ser inseridas no mercado de trabalho por necessidade de sobrevivência.

Saltando para a década de 90, a presença das mulheres na atividade econômica cresceu em um cenário reestruturado, mas acompanhou o crescimento do emprego vulnerável e precário, sem a proteção social ou de direitos, o que marca a baixa salarial.

Em todas as épocas, é possível notar que a mão de obra feminina é vista, socialmente, como uma força de trabalho secundária. Durante a pandemia de covid-19, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) de 2022, isso impactou diretamente em rompimentos menos custosos e na precarização de vínculos empregatícios.

Apesar de décadas terem se passado, os direitos e reconhecimentos do trabalho feminino remunerado caminham a passos lentos, ainda hoje. Com a crise sanitária enfrentada em 2020, muitas mulheres se depararam com uma decisão a ser tomada e um desgaste ainda maior, por conta da soma do trabalho

formal e doméstico. Chefes de famílias precisavam conciliar o cuidado da casa, dos filhos e dos cônjuges com as atividades exercidas no mercado de trabalho.

Após a pandemia da covid-19, o mercado de trabalho brasileiro ficou em uma situação mais delicada do que já estava. Aumento de desemprego, trabalhos informais, trabalhos precários, entre tantos outros. Durante os dois anos de isolamento e medidas de distanciamento, o governo brasileiro, não só se omitiu no combate à doença, como também potencializou os impactos negativos da crise, o que aprofundou ainda mais as desigualdades sociais características da sociedade brasileira.

Historicamente, as mulheres já ocupam posições mais vulneráveis no mercado de trabalho, porém com a pandemia, elas foram ainda mais atingidas pelas circunstâncias que a crise sanitária causou no cenário brasileiro. Vale ressaltar que, tal característica histórica, está presente na América Latina como um todo.

No artigo *Mulheres no mercado de trabalho brasileiro: velhas desigualdades e mais precarização* (2022), da DIEESE, é abordado que, no terceiro trimestre de 2021, a força de trabalho feminina contabilizava 1.106 mil mulheres a menos que no mesmo trimestre de 2019, ou seja, houve uma queda expressiva de trabalhadoras que saíram do mercado durante a crise sanitária

e que ainda não haviam retornado, dois anos depois. O boletim também reforça que o número de redução de trabalhadoras negras na força de trabalho foi de 925 mil mulheres no período, já as não negras foram equivalente a 189 mil.

Não é apenas no Brasil que a taxa de participação das mulheres na força de trabalho é inferior à dos homens. Os dados apontam, nitidamente, que as mulheres são menos economicamente ativas. Contudo, ao longo dos anos esse diferencial havia sido reduzido, e retornou a crescer na pandemia. De acordo com o texto “Mercado de Trabalho: conjuntura e análise” de Natália Guerra da Rocha Macedo e Luana Simões Pinheiro, no início da década de 1950, a distância entre homens e mulheres no mercado de trabalho era de 67 pontos percentuais (p.p.). Já em 2019, a distância era de apenas 16 p.p., e saltou para 19 p.p. no segundo trimestre de 2020 (IBGE, 2020b).

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, do IBGE, as mulheres gastam, em média, mais de 61 horas por semana em trabalhos não remunerados no Brasil.

O mapeamento em números deste cenário auxilia a promoção de uma maior clareza às nações ao redor do mundo, pois, como mencionado anteriormente, tal realidade não é particular de um único país. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a desigualdade de gênero no mercado de

trabalho é maior do que se pensava. A sensação de “alívio” e “progresso” que esteve mais presente antes dos obstáculos da pandemia de Covid-19, parece ter se dissipado e, estados e organizações alertam para a banalização dessa perda. Afinal, as conquistas vieram de pouco a pouco.

Segundo a organização, diferenças salariais e de condições de trabalho permaneceram quase que inalteradas nas últimas duas décadas. Os dados revelam que 15% das mulheres em idade ativa no mundo gostariam de conquistar um emprego, mas não há oportunidade ou tempo. Essa porcentagem é menor que a dos homens, que gira em torno de 10,5%.

Um fato curioso a ser analisado é que, as taxas oficiais de desemprego entre homens e mulheres são, de fato, parecidas. Contudo, tal afirmação é mais uma pulga atrás da orelha para repensarmos o que está por trás do dado. E é aí que, mais uma vez, a economia do cuidado aparece para explicar algumas questões.

Ainda, segundo os especialistas por trás da OIT, os critérios que são utilizados para mensurar se alguém deve ou não ser considerado desempregado, tendem a excluir de maneira desproporcional as mulheres. Isso acontece devido à exclusão de fatores como as responsabilidades pessoais e familiares, incluindo o trabalho do cuidado não remunerado que, claramente,

afetam as mulheres de formas diferentes. Tais atividades não só impedem as mulheres de trabalhar, mas, além, de procurar emprego ativamente ou estar disponível com pouca antecedência.

As políticas sociais e afirmativas possuem um papel essencial na luta contra a desigualdade de gênero no ambiente de trabalho. Por exemplo, o Programa Bolsa Família, criado em 2003 pelo governo Lula, e o Programa Brasil Sem Miséria, proposto em 2011 por Dilma Rousseff, são projetos que contribuíram para ampliar os direitos de cidadania feminina e reduzir a desigualdade.

Por outro lado, por mais que novos projetos sejam criados para contribuir para a paridade entre homens e mulheres, as tarefas e trabalhos domésticos seguem sendo feitos, em sua maioria, por mulheres. Como as responsabilidades domésticas ainda são atreladas às obrigações femininas, a presença delas em trabalhos remunerados continuará a ser considerada secundária.

O que precisa ser feito é preparar a sociedade para além de ter o acesso a assuntos como este, poder compreender e debater o futuro do trabalho de cuidado na comunidade.



*Parte 4*

# **Coração de Ouro**

Era apenas mais um dia comum de trabalho para Ana Cleide<sup>2</sup>. O que ela não esperava era que, em um ato singelo, sua vida estava prestes a mudar com a chegada da Manu<sup>3</sup>.

Ana não era próxima da mãe de Manu, a Dani<sup>4</sup>. Conheciam-se apenas por nomes. Aquela coisa básica de uma boa convivência. Eram vizinhas, mas não chegadas.

Na época, Ana trabalhava em um salão, como cabeleireira, em seu bairro. Uma outra cliente havia acabado de ganhar neném, e estava desesperada para arrumar alguém que pudesse ficar com a nova integrante da família para que pudesse voltar a trabalhar. Ela prontamente se ofereceu para ajudar.

Quem conhece Ana, que o diga. Ela é doce, tem um coração de ouro, e visa muito além do que as pessoas costumam olhar. Sua voz fina e leve faz com que todos a sua volta fiquem tranquilos assim que ela fala. O sorriso e olhar de ‘se acheque para cá’ fazem todos se sentirem mais confortáveis. Ela traz a lembrança de um lar, quente e aconchegante. É tão calma, que transparece serenidade. Não mede esforços para ajudar àqueles que precisam.

---

<sup>2</sup> Os nomes das personagens não estão completos para não comprometer suas identidades.

<sup>3</sup> Os nomes das personagens não estão completos para não comprometer suas identidades.

<sup>4</sup> Os nomes das personagens não estão completos para não comprometer suas identidades.

E foi exatamente o que aconteceu. Primeiro ela ajudou esta outra cliente que, tocada pela atitude da Ana, contou para sua amiga, Dani, que também estava precisando de ajuda para tomar conta de sua bebê.

Dani havia retornado para o trabalho, e estava cogitando trancar a faculdade para cuidar da Manu. Ela tinha sua rede de apoio, mas não queria sobrecarregar a mãe, que já a ajudava com tantas outras coisas. Foi então que Liu<sup>5</sup>, a outra cliente, apresentou formalmente a Ana para a Dani.

Logo no início, Ana estava um pouco relutante para aceitar a proposta de cuidar da Manu, isto porque ela afirma que “não era babá”, havia apenas feito um favor para uma amiga.

Dani, em uma última tentativa de convencer a cabeleireira, foi até sua casa. É neste momento, em um dia de dezembro, que todo o percurso de vida delas, e de suas famílias, mudam.

Assim que viu a neném, ficou tocada. Ela lembra de seus pequenos e brilhantes olhos verdes, e o coração - juntamente com suas palavras - só falta derreter de tanto amor que sente pela bebê de 7 meses.

---

<sup>5</sup> Os nomes das personagens não estão completos para não comprometer suas identidades.

A Dani é mãe solo, e claramente estava sobrecarregada com as demandas da vida de uma mulher. Trabalhar, estudar, pegar transporte, cuidar da filha, interagir com a família, ter vida social. Ufa! São muitas tarefas para uma pessoa só. E, assim como qualquer ser humano normal, ela não estava conseguindo dar conta sozinha. Ana se recorda da aparência de sua amiga. “Estava visivelmente cansada, o semblante para baixo”.

Então, Ana aceitou. Começou a cuidar da Manu. Ela, seu marido e seus três filhos acolheram a bebê como se fosse deles. Brincavam de esconde-esconde. Ela era a boneca da família.

Dani tinha uma rotina puxada. Ia para o trabalho, já logo corria para a faculdade, chegava em casa apenas 1h da manhã. Nesta época, mal conseguia ter tempo de ver a Manu.

Ana rasga elogios para a amiga. “Daniela é uma pessoa muito esforçada, parece até perfeita”, mas em meio a risadas, confessa “ela só não cumpre horário, você marca às 10h, ela chega às 12h”.

No começo, Ana ficava com a Manu apenas durante o dia, mas com o passar do tempo, e as rotinas se apertando, se ofereceu para ficar com a bebê aos finais de semana também. Todos já estavam apegados uns nos outros.

Para Ana, Dani tinha que viver além da maternidade, do trabalho e dos estudos. Ela queria que a jovem apreciasse sua vida

e pudesse ter momentos de lazer. Como era de esperar, havia pessoas que as julgavam. “Tinham alguns que falavam maldades, mas não faziam nada para ajudar, apenas criticavam”, relembra.

Mas nunca foi motivo para se abalarem. A amiga “agradece à Deus pela Ana” ter aparecido em sua vida.

Até os 10 anos de idade, Manu morava com a Ana e sua família. As amigas dividiam a guarda da criança, e ela tinha livre acesso para ficar com ambas. Já não era uma situação de “fica apenas quando precisa”. Elas já haviam criado laços. “Virou uma família só”, conta a cabeleireira.

— É a mãe Ana, e a mãe Dani.

Afirmou a mulher com um sorriso no rosto.

Já são anos nessa troca entre as duas, para poder criar a Manu. Há dúvidas de quem seja mais grata por quem. É nítido o amor, em sua forma mais pura e genuína, que se criou desta parceria.

Atualmente, Manu fica na casa da mãe Ana devido à escola, que fica mais próxima. “Tem quarto, roupa, tudo montado para ela”, conta.

Ana ri e conta sobre as vantagens e desvantagens de se ter duas mães. “São duas casas, muito amor para dar, mas quando é bronca, é em dose dupla”.

Hoje, Dani é casada. Das muitas oportunidades que a vida lhe deu, algumas foram desfrutadas graças à parceria com a Ana. Faz toda a diferença na vida de uma pessoa poder ser mais de uma só versão.

Ela pode não se limitar a ser apenas mãe, que infelizmente ainda é a realidade de muitas no Brasil. Dani teve a oportunidade de ir em festas, de viajar, de estudar, de fazer o que deveria ser o normal na vida de uma pessoa.

Manu, atualmente, tem 15 anos. Ela diz que assim que completar 18 anos, quer incluir o sobrenome da família de Ana, em seu próprio nome. Um amor que ela quer carregar não somente no coração.



## **Agradecimentos**

Como a jornalista Eliane Brum, disse em seu livro “O olho da rua”, a reportagem é um movimento de dois. Neste caso, foram vários. Cada palavra complementando a outra, os fatos se ligando, para enfim contar uma história.

Agradeço às especialistas que me deram entrevistas e me ajudaram a entender um pouco mais sobre a maneira que as conexões femininas podem ajudar e impactar na vida de uma mulher.

Obrigada à minha prima, Ana Cleide, que prontamente aceitou compartilhar a sua linda história de vida com a Manu e a Dani. Foi uma das minhas inspirações para escrever este livro.

À professora Camila Kimie Ugino que, não somente me cedeu a entrevista e aceitou participar da minha banca, como também foi a pessoa que me fez ter o primeiro contato com a economia do cuidado. Obrigada por abrir meus olhos para um tema que estava tão próximo de mim, mas que ainda se fazia invisível a olho nu.

Agradeço à professora Misaki Tanaka, que não somente aceitou integrar a minha banca de avaliação, como também lecionou algumas aulas fundamentais para a minha formação como jornalista. Quero registrar aqui, não apenas meu

agradecimento acadêmico por ela, como também o pessoal. Foi graças a ela que consegui o meu primeiro, e muito amado, estágio na Reckitt Benckiser.

Meus profundos agradecimentos ao professor José Salvador Faro, que além de ter contribuído com importantes e valiosas dicas e apontamentos, aceitou me orientar durante o ano e me acolheu durante crises e surtos com o trabalho. Obrigada professor por todo o cuidado e carinho.

Agradeço à minha mãe, Patricia, que sempre acreditou em mim e me incentivou a sonhar alto desde nova. Você é minha maior definição de amor e exemplo.

Ao meu pai, Mario, que sempre estimulou minha criatividade e incitou meus estudos. Obrigada pelas lições ensinadas, mas principalmente a de como ser forte.

Aos meus avós, Mario, Rosa, Jasson e Terezinha, sem o amor infinito e suporte de vocês, eu nem estaria aqui. Sou eternamente grata pelo que fazem por mim, e por os ter ao meu lado.

Agradeço às minhas tias, Ana Paula e Kellyn, por me mostrarem a importância de encarar a vida com leveza.

À minha psicóloga, Adelita, que me escutou e me deu suporte durante todo este processo. Em todas as nossas sessões, é um despertar diferente.

Obrigada a todas as mulheres da minha vida, principalmente a minha família e minhas amigas, por serem fonte inesgotável de inspiração e amor. Não consigo colocar em palavras o quanto sou grata por vocês existirem.

Por fim, obrigada a todos da minha rede de apoio, pela paciência e pela ajuda durante esse processo. Esse livro só é possível graças às pequenas partes de cada um que me auxiliou a ser quem estou me tornando.



## Referências bibliográficas

ALVES, Amanda Pansard; PEREIRA, Caroline Rubin Rossato; ZANATTA, Edinara. **A experiência da maternidade pela primeira vez**: as mudanças vivenciadas no tornar-se mãe. Pesquisa prá. psicossociais vol.12 no.3. São João del Rei: julho a setembro, 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082017000300005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000300005)

ALVES, Iara; SAHB, Camile. **Machismo também se combate com políticas públicas**. Nexo: outubro, 2020. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/ponto-de-vista/2020/Machismo-tamb%C3%A9m-se-combate-com-pol%C3%ADticas-p%C3%ABlicas>

BRUM, Eliane. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.

CERIBELLI, Marcela. **Aurora**: o despertar da mulher exausta. Rio de Janeiro: Editora HarperCollins, 2022.

\_\_\_\_\_. **#181/o que minhas amigas me ensinaram sobre o amor**, com Manuela Xavier. Bom dia, Obvious: março, 2023. Disponível em: <https://podcasts.apple.com/br/podcast/181-o-que-minhas-amigas-me-ensinaram-sobre-o-amor-com/id1496752847?i=1000603920478>

**CoronaChoque e Patriarcado**. Tricontinental: Instituto Tricontinental de Pesquisa Social. Novembro, 2020. Disponível em: [https://thetricontinental.org/wp-content/uploads/2020/11/20201104\\_Coronashock-e-Patriarcado\\_PT.pdf](https://thetricontinental.org/wp-content/uploads/2020/11/20201104_Coronashock-e-Patriarcado_PT.pdf)

CORDELATT, Adrián. **Ashley Audrain: “O medo tem uma relação tão forte com a maternidade quanto o amor”**. El País Espanha: maio, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-05-09/ashley-audrain-as-expectativas-sociais-sobre-a-maternidade-sao-um-peso-enorme-para-as-mulheres.html>

DEARO, Thiago. **Amigas fazem bem à saúde!**. Portal Padom: março, 2021. Disponível em: <https://portalpadom.com.br/amigas-fazem-bem-a-saude/>

**DIEESE. Mulheres no mercado de trabalho brasileiro: velhas desigualdades e mais precarização.** Boletim Especial 8 de março Dia da Mulher: março, 2022. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2022/mulher.html>

**Economia do cuidado:** como podemos visibilizar o trabalho invisível das mulheres na economia do cuidado?. Laboratório Think Olga. Disponível em: <https://lab.thinkolga.com/economia-do-cuidado/>

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **A ciranda das mulheres sábias:** ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2007.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas.** Boitempo Editorial: setembro, 2019.

\_\_\_\_\_. **Wages against housework.** Power of Woman Collective: abril, 1975.

FIRMO, Erica. **Conexões femininas e empatia podem mudar a sua rotina de trabalho.** LinkedIn: janeiro, 2019. Disponível em:

<https://pt.linkedin.com/pulse/conex%C3%B5es-femininas-e-empatia-podem-mudar-sua-rotina-de-erica-firmo>

FONSECA, Mariana; SUTTO, Giovanna. **Participação das mulheres no mercado de trabalho é a menor em 30 anos - e a pandemia é parte do problema.** Infomoney: fevereiro, 2021. Disponível em:

<https://www.infomoney.com.br/carreira/participacao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho-e-a-menor-em-30-anos-e-a-pandemia-e-parte-do-problema/>

HANAOKA, Fábio. **Papel da mulher na economia brasileira.** São Paulo: Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV EAESP), 1997.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor:** novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

\_\_\_\_\_. **O feminismo é para todo mundo:** Políticas Arrebatadoras. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2018.

Lei Complementar nº 150/2015. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/regras-para-o-trabalho->

[domestico,b6d652d13160a410VgnVCM1000003b74010aRCRD#:~:text=obriga%C3%A7%C3%B5es%20do%20empregador.-,Principais%20pontos%20da%20Lei%20Complementar%20n%C2%BA%20150%2F2015,por%20semana%20no%20mesmo%20local](#)

LEMOS, Renata Feldman Scheinkman; KIND, Luciana. **Mulheres e maternidade: faces possíveis.** Estud. pesquis. psicol. vol.17 no.3. Rio de Janeiro: setembro a dezembro, 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812017000300003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812017000300003)

MACE, Ruth. **Como começou o patriarcado – e como a evolução pode mudá-lo.** The Conversation - BBC: outubro, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-63075928>

MACEDO, Natália Guerra da Rocha; PINHEIRO, Luana Simões. **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise.** Ipea: abril 2022.

MELO, Hidelte Pereira de; MORANDI, Lucilene. **Mensurar o trabalho não pago no Brasil: uma proposta metodológica.**

Unicamp: janeiro-abril, 2021. Disponível em:  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8665614/26664>

MORAES, Amanda. **Sororidade materna**: quem são as mulheres que fazem a diferença na vida de quem se torna mãe?. Revista Crescer: março, 2023. Disponível em:  
<https://revistacrescer.globo.com/maes-e-pais/comportamento/noticia/2023/03/sororidade-materna-quem-sao-as-mulheres-que-fazem-a-diferenca-na-vida-de-quem-se-torna-mae.ghtml>

MOREIRA, Jéssica. **Conversa #42: a economia dos cuidados e mulheres negras**. Podcast Nós Mulheres da Periferia: julho, 2021. Disponível em:  
<https://nosmulheresdaperiferia.com.br/conversa-de-portai-42-economia-do-cuidado-e-as-mulheres-negras/>

NEVES, Pedro. **Dossiê aborda “trabalho invisível” de mulheres e meninas ao redor do mundo**. Brasil de Fato: março, 2021. Disponível em:  
<https://www.brasildefato.com.br/2021/03/15/dossie-aborda-trabalho-invisivel-de-mulheres-e-meninas-ao-redor-do-mundo>

**O trabalho e a vida das mulheres na pandemia.** Sempreviva organização feminista. Disponível em: <https://mulheresnapandemia.sof.org.br/>

PATI, Camila. **Especial Dia da Mulher:** por que nossas conexões são tão importantes?. Claudia: março, 2021. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/feminismo/especial-dia-da-mulher-por-que-nossas-conexoes-sao-tao-importantes>

PECK, Morgan Scott. **The different drum:** community making and peace. Editora Pocket Books: setembro, 1998.

Pnad Contínua, 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>

SILVEIRA, Daniel. **Em 4 anos, aumenta em 11,7 milhões o número de brasileiros que fazem trabalhos não remunerados, diz IBGE.** Junho, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/06/04/em-4-anos->

[aumenta-em-117-milhoes-o-numero-de-brasileiros-que-fazem-trabalhos-nao-remunerados-diz-ibge.ghtml](#)

**Sororidade:** entenda o que é e significados. Disponível em: <https://www.significados.com.br/sororidade/>

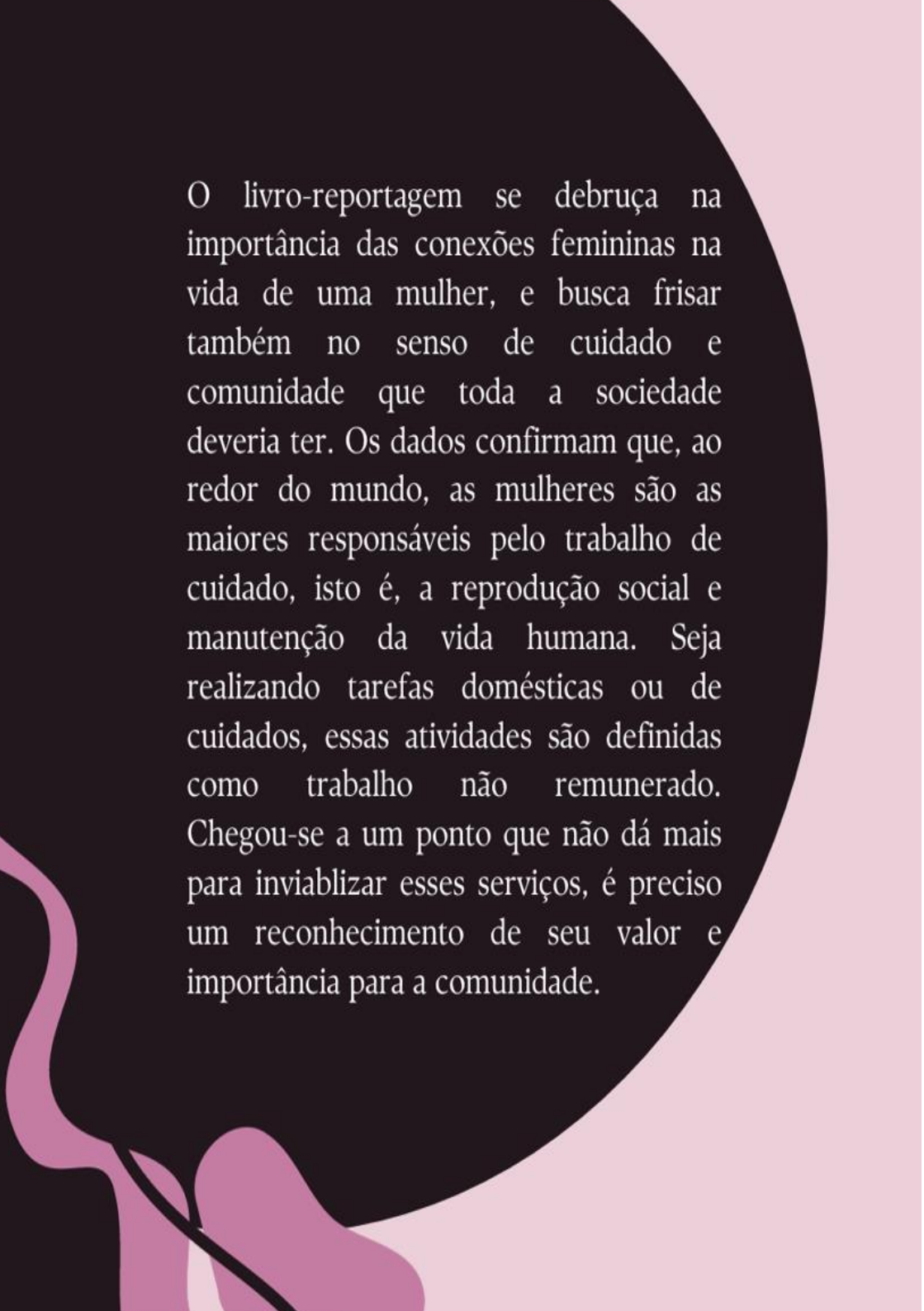
**Tempo de cuidar.** Oxfam. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/forum-economico-de-davos/tempo-de-cuidar/>

TSUJI, Fernanda. **Economia do cuidado:** o trabalho invisível que move o mundo. Quindim: janeiro, 2023. Disponível em: <https://quindim.com.br/blog/economia-do-cuidado/#:~:text=Mas%20o%20que%20%C3%A9%20economia,cuidados%20com%20filhos%20e%20familiares>

XIMENES, Maytê. "**É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança**". LinkedIn: Setembro, 2022. Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/%C3%A9-preciso-uma-aldeia-inteira-para-educar-crian%C3%A7a-mayt%C3%AA-ximenes>

Design de capa: Anna Beatriz Barreto da Matta (via Canva)





O livro-reportagem se debruça na importância das conexões femininas na vida de uma mulher, e busca frisar também no senso de cuidado e comunidade que toda a sociedade deveria ter. Os dados confirmam que, ao redor do mundo, as mulheres são as maiores responsáveis pelo trabalho de cuidado, isto é, a reprodução social e manutenção da vida humana. Seja realizando tarefas domésticas ou de cuidados, essas atividades são definidas como trabalho não remunerado. Chegou-se a um ponto que não dá mais para inviabilizar esses serviços, é preciso um reconhecimento de seu valor e importância para a comunidade.